



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE BRITO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. • LARGO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TELEF. 2

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra COIMBRA

UMA LUZ

Nos Caminhos da Nossa Vida

Senhora dos Caminhos. Os seus pés não deixaram vestígios na terra. Mas os caminhos da Palestina não encaminham peso mais suave e precioso, como quando Maria se dirigia a casa de Isabel, a levar Jesus; ou para Belém, a dar-nos Jesus; ou para o Egipto, a fim de salvar Jesus; ou a Jerusalém, para acompanhar a Jesus; ou em direcção ao Calvário para sofrer com Jesus; ou para o monte das Oliveiras, a regosijar-se com Jesus.

Senhora da Estrada! Apraz-me invocar assim Maria; apraz-me encontrar assim Maria ao labirinto das nossas estradas, ao encontro dos homens que da terra fizeram uma rede de estradas, com perigo de abandonarem a única estrada verdadeira, o Caminho, Jesus, Filho de Maria.

Maria, ao encontro das almas nos desvios perigosos, na encruzilhada decisiva, nos momentos de cansaço, de solidão, de perigo ou quando já despojadas do tesouro mais precioso que é a Fé, jazem feridas, em sangue, nas bermas da estrada, abandonadas de todos.

Sempre a dar Jesus, a levar Jesus, a salvar Jesus, ou a reparar Jesus, a dá-lo como companheiro aos que sofrem.

Não são sòmente características pitorescas das nossas estradas, essas capelas erguidas a Nossa Senhora pela piedade dos nossos antepassados. São uma presença, um chamariz. Também eu, peregrino, só, indefeso, páro indeciso sobre o que terei de fazer. Pensar em Maria; invocar Maria.

Caminharemos juntos. Feliz de mim, se caminhar com tão boa companhia: É quem caminha com Maria não corre o risco de se desencaminhar; Maria tem consigo o caminho que é Jesus.

Mais ainda: caminhando assim com Maria, poderei ajudar a Senhora das Estradas a encaminhar os outros. Será esse o modo mais belo de nunca mais me afastar do bom caminho. Pedirei ao menos por todos os que perderam o caminho, os que ainda o não encontraram.

Senhora da lâmpada. — Apraz-me ver assim Maria: ao escurecer, Maria acende a lâmpada da pequena casa; ergue com mão solícita a pequena luz ao alto; e as sombras da parede vão reflectindo as suas voltas nas ocupações da casa.

E agora espera que Jesus volte, ela que é a Virgem prudente; ela que é a fidelidade, espera o seu Filho com a lâmpada bem acesa. Deus foi liberalmente generoso com Ela, destinada a apresentar-se ao mundo, estreitando ao peito um Deus feito menino, carne da sua carne. Não se podem conceber relações mais íntimas com a divindade; nem o próprio Deus, por omnipotente que seja, pode aproximar-se mais estreitamente com uma criatura. Portanto torrentes de graças, de privilégios deveriam inundar a alma de Maria. Ela foi fidelíssima e aceitou essa porfia de amor.

Conhecida a vontade do Senhor Maria responde com o ímpeto crescente do coração sem oscilar, nem diante dos espinhos, nem diante da espada.

Fiel na pobreza da gruta de Belém; na fuga para o exílio; na perda de Jesus; na perda da sua vida na de Jesus.

Fiel quando Jesus lhe confia novos, numerosos e perversos

(Continua na página 4)

ASSIM VAI A NOSSA ASSISTÊNCIA

VISITA DO SR. GOVERNADOR

No dia 6 de Fevereiro, ao meio da tarde, tivemos o prazer de receber a vinda do sr. Governador Civil de Coimbra, que vinha acompanhado de sua esposa e ainda do Sr. Presidente da Câmara de Oliveira do Hospital, do Senhor Dr. Vasco de Campos, D. Arminda Lencastre e do Senhor Regente Agrícola António Campos Lencastre.

Visitaram todas as instalações da Assistência, Patronato, Posto Médico e Creche, tendo ficado com as melhores impressões com o que viram e ouviram.

É-nos muito grato registar tão honrosa visita não só pela ajuda material que nos possa dar, mas sobretudo pelo apoio

moral que é para nós um estímulo, para continuarmos a trabalhar a bem das crianças da nossa freguesia.

EDUCADORA FAMILIAR

Durante três meses esteve aqui a estagiar no Centro de Assistência, a Ex.^{ma} Sr.^a D.^a Maria Tereza C. Vicente Justo, educadora familiar rural, que terminou em Julho o seu Curso no Instituto Ancillae Domini, em Coimbra.

Embora em pouco tempo, a sua acção de educadora fez-se sentir na educação das crianças tanto da Creche como da costura, e só é pena que não fique permanentemente ao serviço do Centro de Assistência, mas as

nossas possibilidades financeiras não o permitem por enquanto.

DONATIVOS RECEBIDOS

Do sr. José Francisco Castanheira, de Lisboa, 60\$00 e mais 20\$00; do Sr. Manuel Belo, de Coimbra, 20\$00; do Sr. Germano Lourenço, do Goulinho, 50\$00; do sr. Manuel Marques, do Seicolinho, 50\$00; da sr.^a D. Irene da Anunciação Mendes, de Lisboa, 50\$00; do sr. Dr. João Afonso Ferreira Dinis, de Oliveira do Hospital, 100\$00; e do sr. Coronel Diamantino Amaral, Aveiro, 330\$00.

A todos os nossos agradecimentos e que o Coração de Jesus a todos dê as suas melhores graças.

QUARESMA

A PALAVRA DO PASTOR

1 — Entrámos na Quaresma, a que a Liturgia chama tempo propício, dias de salvação.

O vosso bispo quer aproveitar este santo tempo para vos dizer uma palavra. Se lhe fosse possível juntar-vos todos, como acontece nas visitas que tem feito às vossas paróquias, havia de repetir, mais uma vez, o que tem pedido por toda a parte: *Sede bons cristãos.*

I — TEMPO DE ORAÇÃO

2 — A primeira ideia que nos dá a Quaresma é de um tempo de oração. Moisés, antes de começar a missão que Deus lhe dera, de conduzir o povo de Israel, subiu à montanha e passou aí quarenta dias em oração (Ex. 24-18). Cristo fez o mesmo, antes de começar a sua vida de pregação (Mat. 4-2); e esta quaresma de Cristo ficou assinalada pela vitória sobre todas as tentações.

A Igreja prepara a celebração do mistério pascal com quarenta dias de oração; são os grandes

Exercícios Espirituais do povo cristão.

3 — A ideia mais simples da oração, e também a mais viva e a mais profunda, é esta: *rezar é falar com Deus.*

Nós não precisamos de muitas palavras escolhidas; para rezar basta que façamos como fazemos com uma pessoa amiga: falamos com Deus.

Se não sabemos o que devemos de dizer a Deus, experimentemos o que Cristo ensinou: *Pai nosso que estais no Céu.* Digamos isto, muito conscientemente, e descobriremos a riqueza desta verdade: *Deus é o nosso Pai do Céu.*

Rezar é falar com Deus.

Nós falamos pouco com Deus.

4 — Façamos um programa simples de oração, sem complicações, mas um programa verdadeiro, para esta quaresma.

De manhã, quando nos levantarmos, saudemos o nosso Pai do Céu, com um pensamento e com uma palavra de filhos. Agradecemos-Lhe o dia que Ele nos dá e peçamos-Lhe que nos ajude. Um pensamento para Deus, ao começar o dia, dá

um sentido novo à nossa vida.

À noite, quando nos deitarmos, façamos o mesmo. O homem que se deita a pensar em Deus, tem assegurada uma noite tranquila. Experimentemos.

Rezemos também à refeição. É Deus quem nos dá o pão de cada dia, porque nos dá forças para trabalhar e abençoa os nossos trabalhos. Uma pequena oração, quando comemos, significa a nossa gratidão para com o Pai que nos sustenta.

5 — Depois podemos completar o programa de oração, à nossa vontade. Nem todos se encontram nas mesmas condições, nem todos podem rezar da mesma maneira. Mas todos podem fazer da Quaresma um tempo de oração mais regular, mais metódica, mais fiel.

Despeço-me até à próxima semana, porque penso voltar a falar-vos da Quaresma.

Coimbra, 28 de Fevereiro (1.º dia da Quaresma) de 1968.

FR. FRANCISCO, Bispo de Coimbra.

VII

GENEALOGIAS DA MINHA TERRA

1.º

A FAMÍLIA FONSECA
(continuação)a. o) — *António Joaquim da Fonseca*

Era irmão de Manuel Joaquim da Fonseca referenciado na alínea a. m) e filho de Manuel Joaquim da Fonseca e de sua mulher Joaquim de Moura, referidos na alínea y).

Nasceu em Aldeia das Dez, em Junho de 1801, sendo baptizado em 22 desse mês.

Por 1822, casou com Mariana Gomes que, embora natural de Gramaços, freguesia de Oliveira do Hospital, tinha, como sõe dizer-se, costela de Aldeia das Dez pela banda de sua mãe Ana Maria Rosa da Cruz, filha de Francisco João da Lage e Rosa da Cruz, pais que foram do P.º Manuel João da Cruz. Foi seu pai Manuel Gomes de Gouveia, natural de Gramaços, filho de Caetano Gomes, também de Gramaços e Maria Bernardes, de Gavinhos.

Após o casamento, o casal António Joaquim da Fonseca e Mariana Gomes foi residir em Aldeia das Dez onde, até 1830, lhe haviam nascido já 4 filhos: o João (1823), o António (1825), o Manuel (1827) e o José (1830).

O António dedicou à vida sacerdotal e foi o padre António Joaquim de Albuquerque, aquém em 1848 foi concedida licença para se ausentar da diocese, não se dizendo para onde.

Usou ele o apelido de «Albuquerque». Ignoro, porém, de onde lhe veio; mas, o que é certo, é que seu irmão José e seu primo do mesmo nome também o usaram, transmitindo-o aos seus sucessores. Pode ser, por isso, que o uso de tal apelido tenha uma razão de ser que até hoje não descobri.

Depois de uma longa vida de 80 anos o António Joaquim da Fonseca faleceu na sua Terra natal em 4 de Agosto de 1881.

a. p) — *Maria José*

Mais um filho do casal Manuel Joaquim da Fonseca e Joaquina de Moura (alínea y).

Não usando, como os irmãos, o apelido Albuquerque, também não quis usar o de Fonseca e foi pena porque talvez despertasse na sua descendência a vontade de o usar também.

Assim, se o simples nome de José Tavares que seu filho mais velho adoptou, se tornou bem conhecido em toda a região, desde Ceia à Covilhã, a Góis e até Coimbra, não o seria menos, se a ele tivesse acrescentado o apelido «Fonseca» tradicional na família de quem descende pelo lado materno.

Nasceu a Maria José em 30 de Maio de 1804, tendo sido baptizada em 6 de Junho seguinte.

Em 16 de Janeiro de 1826, casou com o seu conterrâneo José Tavares, 9 anos mais velho do que ela, pois nasceu 11 de Agosto de 1795 e foi baptizado em 18 do mesmo mês. Era filho de António Alves Tavares, natural de Aldeia das Dez e de sua mulher Águeda Maria dos Santos, natural de Vide; foram seus avós: pelo lado paterno, Manuel Alves Tavares, de Alvôco de Várzeas e Maria Nunes Tavares, de Sant'Ovaia; e pela parte materno Ildefonso João, de Barriosa, freguesia de Vide e Maria dos Santos, de Vide.

Era de modesta condição, pois era um simples carpinteiro. Apesar de tudo, pelos seus merecimentos como homem honrado e com habilitações literárias por ventura superiores à vulgaridade dos seus conterrâneos, foi escolhido para secretário da Junta de freguesia, lugar em que estava empossado em 1842.

Um ano depois do seu casamento, o casal José Tavares e Maria José, a 14 de Fevereiro de 1827 teve alegria de beijar o seu primeiro filho aquém deram o nome de José. Pela obra

artística que este veio a realizar e o tornou entalhador afamado em toda a Beira, merece que, em capítulo especial, algo mais se diga a seu respeito.

a. q) — *Maria Fernandes*

Mais um ramo da família Fonseca onde desapareceu este apelido.

Nasceu em 9 de Janeiro de 1775, e foi baptizado em 15 do mesmo mês. Foram seus pais José Madeira da Fonseca e Maria Fernandes, ambos naturais de Aldeia das Dez e já referidos na alínea a. a) deste parágrafo.

Em 5 de Maio de 1794, casou com Manuel Alves natural de Vila Meã, freguesia de Oliveira do Conde.

Do casal houve 4 filhos: a Maria (1795), o Francisco (1797), a Margarida (1801) e o António (1810).

Faleceu em 24 de Março de 1811, um mês antes de seu marido cuja morte ocorreu em 29 de Abril do mesmo ano.

a. r) — *Gertrudes Maria da Fonseca*

Era filha de José Madeira da Fonseca e de Maria Fernandes (alínea a. a).

Nasceu em 8 de Fevereiro de 1780 e foi baptizada em 15 do mesmo mês.

Em 25 de Fevereiro de 1805, casou com José Bento, natural de Aldeia das Dez onde havia nascido a 22 de Fevereiro de 1777. Foram seus pais Teodoro Alves Barato Capelão natural de Aldeia das Dez e Maria Benta da Costa, natural de Pomares.

Teve o casal apenas uma filha, de nome Maria que nasceu em 1806 e ficou orfã em 17 de Maio de 1808 por falecimento de sua mãe Gertrudes da Fonseca.

a. s) — *Ana da Fonseca*

Mais uma filha de José Madeira da Fonseca e de Maria Fernandes (alínea a. a).

Nasceu em 1 de Abril de 1784 e foi baptizada 6 dias depois.

Em 30 de Janeiro de 1810, casou com Diogo José, filho de José Fernandes Formigo e de sua mulher Rita Maria, todos naturais e residentes em Aldeia das Dez.

Em 1812 nasceu-lhes o seu único filho a quem baptizaram com o nome de Maria.

Não registei o falecimento de qualquer dos conjugues, mas é de aceitar que um deles tenha falecido depois do nascimento daquela criança.

a. t) — *José da Fonseca Madeira*

O último filho do casal José Madeira da Fonseca e Maria Fernandes (alínea a. a), nasceu em 19 de Outubro de 1786 e foi baptizado em 26 seguinte.

Em 13 de Fevereiro de 1813 casou com Maria Bento da Costa, viuva de António Antunes Patrício da Costa.

Contava a noiva já 41 anos de idade... e um activo de 9 filhos do seu primeiro marido; por isso, era natural que este casal não tivesse descendência.

a. u) — *Maria Joaquina da Fonseca*

Era filha de António Lopes e de sua mulher Gertrudes da Fonseca (alínea a. f).

Nascida em 7 de Setembro de 1796 e baptizada em 15 do mesmo mês, cedo pensou no matrimónio pois, tendo apenas 16 anos incompletos, em 10 de Setembro de 1813, casou com Bernardino José, de Avô, filho de José Luís, também de Avô e Teresa Maria de Sobral Gordo, freguesia de Pomares.

(Continuação do número anterior)

Até 1830 teve o casal 3 filhos: a Maria (1823) que faleceu com pouco mais de 1 ano, o António (1824) e outra Maria (1827).

a. v) — *Joaquina Maria da Fonseca*

Nasceu no Goulinho em 2 de Novembro de 1800 e foi baptizada em 9 do mesmo mês.

Era seus pais António Lopes e Gertrudes da Fonseca a quem se aludiu na alínea a. f).

Muito nova ainda casou com Francisco João, filho de João Manuel, do Avelar e de Flora Maria da Cruz, de Aldeia das Dez; era neta, pelo lado paterno, de Manuel João, do colcorinho e de Bárbaro Fernandes, do Avelar e pela parte materna, de João Leitão e Maria da Cruz.

Houve neste casal 4 filhos: a Maria (1817), o Manuel (1820), o José (1823) e o António (1827).

a. x) — *José Gabriel da Fonseca*

Era o filho segundo de Gabriel Moreira Mendes Pinheiro e de sua mulher Maria Rodrigues da Fonseca aos quais se aludiu já na alínea a. g).

Nasceu em 11 de Setembro de 1800 e foi baptizado em 18 do mesmo mês.

Em 1828 casou com Josefa Maria Rita natural de Aldeia das Dez onde nasceu em 2 de Setembro de 1797, sendo baptizada em 9 do mesmo mês. Foram seus pais Francisco João de Aldeia das Dez e Rita Maria da Silva de S. Sebastião da Feira. Era sobrinha do P.º Manuel Diogo da Cruz de quem oportunamente se falará.

Do casal houve 5 filhos: a Rita Maria da Silva (1829), a Maria Rita Gabriel (1830), o José Gabriel da Fonseca (1832), o Joaquim Gabriel da Fonseca (1834) e o António Gabriel (1837).

DIAMANTINO AMARAL

(Continua)

QUANDO É A FESTA DA SENHORA DAS PRECES?

Toda a gente pergunta, todo o mundo quer saber quando é a Festa da SENHORA DAS PRECES, a grande romaria das Beiras.

Claro, ninguém quer perder uma oportunidade tão oportuna para visitar o mais belo santuário mariano das nossas Beiras e contemplar os mais lindos olhos da mais linda Senhora da terra e do céu.

É NO DIA 7 DE JULHO, PRIMEIRO DOMINGO DE JULHO COMO ESTÁ DETERMINADO.

VAI SER FESTA RIJA PELA CERTA.

Assinaturas pagas durante os meses Janeiro e Fevereiro

Com 10\$00 pagaram os Senhores:

Delfim João Freitas da Silva, Avô.

Menina Ana Isabel dos Santos M. Castanheira, Lisboa.

José Nunes da Fonseca, Avelar.

José Mendes Dias, Chão Sobral.

Manuel Pereira, Santa Ovaia. Apolinário Rodrigues Barros, Minde.

D. Ivone de Jesus Cristóvão, Lisboa.

Modesto Marques Alvarez, Lisboa.

Afonso Dias, Aldeia das Dez. Manuel Henriques, Avelar.

António Marques da Cruz, Aldeia das Dez.

Augusto Mendes Abranches, Aldeia das Dez.

Manuel Miguel Castanheira, Chão Sobral.

Agostinho Miguel, S. Vicente da Beira.

Com 12\$50 pagaram os Senhores:

Albertino Martins, Goulinho. D. Olga Luisa Dinis, Lisboa.

Com 13\$00 pagou o senhor Graciano Martins, Chão Sobral.

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

D. Inocência de Jesus Lemos, Coimbra.

Manuel Pinheiro, Tapadas. António Lourenço Júnior, Goulinho.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

Augusto Moisés, S. Jorge da Beira.

D. Laura A. Amaral, Aldeia das Dez.

Manuel Marques, Aldeia das Dez.

António Miguel Castanheira, Chão Sobral.

Joaquim dos Santos Formigo, Damaia.

Germano Lourenço, Goulinho. Francisco Mendes Dinis, Oliveira do Hospital.

D. Maria da Conceição Figueiredo, Oliveira do Hospital.

António Ferreira, Aldeia das Dez.

Dr. Virgílio Ferreira, Oliveira do Hospital.

José da Silva Fonseca, S. Sebastião da Feira.

José Marques de Oliveira, Aldeia das Dez.

José Carlos da Silva Oliveira, Lobito.

João da Cruz, Paranho de Besteiros.

Celestino Marques de Brito, Rio de Janeiro.

Com 25\$00 pagaram os Senhores:

Coronel Diamantino Amaral.

Engenheiro José Sebastião Maia Amaral, Parede.

Com 50\$00 pagou D. Maria Fernanda da Silva Nobre, Nogueirinha.

Com 70\$00 pagou o sr. Manuel de Jesus Pereira, S. Vicente da Beira.

Com 90\$00 pagou o sr. Raúl Duarte Gonçalves, Ponte das Três Entradas.

e mais nada de mais ninguém

AMIGOS ASSINANTES DE LISBOA, ATENÇÃO:

Para facilitar os pagamentos das assinaturas do jornal, vai-se proceder, em Lisboa, à cobrança por meio de cobradores.

Para cada zona da cidade vamos arranjar um cobrador.

Para Lisboa 2 já está encarregado o Sr. António José Mendes da Fonseca que dentro em breve lhes irá bater à porta. Desde já agradecemos o bom acolhimento e pronto pagamento.

Aldeia das Dez

VISITA PASCAL

De harmonia com as instruções do Senhor Bispo, publicadas no ano passado, a propósito da actualização da *Visita Pascal*, no desejo de proporcionar a todos os paroquianos das várias povoações uma melhor participação nos actos litúrgicos e realizar a *Visita Pascal* com mais calma como convém, restituindo-lhe o seu sentido pastoral a *Visita Pascal* será feita em três dias (e não apenas em dois como era costume), com o seguinte programa:

DOMINGO DE PÁSCOA

Na Senhora das Preces missa às 8h. e 30 m.

Em Aldeia missa às 11 horas.

A *Visita Pascal* deve começar por volta das duas horas e será feita só na povoação de Aldeia, incluindo o Vale e Seicolinho.

SEGUNDA-FEIRA DA PÁSCOA

De manhã, *Visita Pascal* no lugar do Avelar, onde haverá missa no fim.

De tarde, Cimo da Ribeira, Tapadas e Porto de Mós.

DOMINGO DE PASCOELA

Em Aldeia missa às 8h. e 30 m. Na Senhora das Preces missa às 9h. e 30 m.

Na Gramaça missão às 11 h., seguindo-se a *Visita Pascal* na Gramaça.

De tarde, *Visita Pascal* no Goulinho por volta das duas horas da tarde; Em Vale de Maceira às três e meia; no Chão Sobral às cinco horas.

Como se vê há a preocupação de facilitar aos povos a santa Missa nos dias das suas Boas-Festas e fazer a *Visita Pascal* com menos pressa, para que todos possam sentir e viver melhor as alegrias do grande mistério da nossa Redenção.

Alvoco de Várzeas

Baptismos — 7 de Janeiro, Paulina Maria, filha de José Fernandes dos Santos e de Maria Laurinda. Foram padrinhos José Dias Mendes e sua esposa Aurora Figueiredo.

14 de Janeiro, José Vasco, filho de António Campos Lencastre e de Maria da Luz Madeira Antunes Campos Lencastre. Foram padrinhos o senhor Dr. Vasco Manuel de Campos Lencastre e a sr. dr.^a Maria Helena Aires Ferreira.

28 de Janeiro, António Manuel, filho de Alberto Pinto Moreira e de Rita Mendes da Cruz. Foram padrinhos os irmãos, Rui Manuel e Maria do

Rosário. Também neste dia foi baptizada, Isabel, filha de José da Assunção Nunes e de Maria Manuela Teixeira Mendes Nunes. Foram padrinhos, Armando Gouveia e sua esposa, Natividade da Conceição.

Casamento — No dia 7 de Janeiro, consorciaram-se António de Sousa Mota, filho de Alfredo Mota, falecido, e de Lusitana da Conceição, com Arménia da Fonseca Guilherme, filha de Armando Guilherme e de Emília da Fonseca Moraes. Testemunharam, António Gouveia Gonçalves e sua esposa Cândida Guilherme.

NO ALTO DO COLCURINHO

PARA PERPÉTUA MEMÓRIA

Foi em 1371 que no alto do Colcurinho, ali onde a terra acaba e o céu começa, que a Nossa Senhora das Preces apareceu a um pastorinho que, segundo reza a tradição, ali andavam a guardar o gado.

Não se sabe o dia, nem o mês e até da primitiva capela nada resta, senão apenas o local.

Segundo consta de documentos velhos, em 1762 ainda havia restos de paredes cujas pedras foram aproveitadas para a capela construída no topo do monte. Pois o local onde a Nossa Senhora apareceu é *mais abaixo alguma coisinha*, para os lados do norte.

Em 1971 faz portanto seiscentos anos (seis séculos) que a Nossa Senhora apareceu no Colcurinho.

Convinha que no próprio local onde apareceu, se construísse uma capela para que servisse de memória a todos os viventes que naquele sítio tinha aparecido Nossa Senhora.

Faltam apenas três anos para o sexto centenário; ainda há tempo de se construir, só é preciso que os fiéis devotos de Nossa Senhora nos ajudem.

Vamos a isto amigos? Os nossos nomes ficarão escritos não só no livro da vida, mas especialmente no coração de Nossa Senhora.

S. Sebastião da Feira

Casamento — 13 de Janeiro, Adelino da Costa Luís, filho de Urbano Luís e Maria Lucinda da Costa, com Maria de Fátima Brito de Lemos, filha de António Brito de Lemos e Idalina de Brito. Apadrinharam, José Brito da Costa e sua esposa Celeste da Conceição.

Falecimento — No dia 29 de Janeiro, na Ponte das Três Entradas faleceu Maria do Patrocínio, de 84 anos, viúva de Joaquim Martins da Fonseca, fundador da empresa de camionagem do mesmo nome. Era mãe do Sr. Joaquim Martins da Fonseca Jr. e da senhora Elvira Martins da Fonseca, casada com o sr. José Tavares, e sogra do sr. Raúl Gonçalves Duarte que era casado com uma sua filha, Maria Mabilia. No féretro incorporaram-se bastantes pessoas amigas, bem como a Filarmónica de Avô. A toda a família enlutada, sentidos pêsames.

Festa do Padroeiro — No dia 20 de Janeiro, celebrou-se a costumada festa de S. Sebastião que este ano se revestiu de certo brilhantismo, embora tudo fosse resolvido nos últimos dias. Para isso contribuíram o dinamismo do Sr. Maximino de Jesus Martins e dos rapazes António da Costa Martins, José Alberto Lemos Alves e Manuel Martins da Fonseca que conseguiram a filarmónica de S. Gião para abrihantarem melhor a festa. O tempo ajudou bastante, mas a feira esteve fraca. Acolitaram à missa e procissão, os párocos de Nogueira do Cravo e Pomares, rev. padre António Borges de Carvalho e Manuel Sintra.

Foram nomeados mordomos para o ano seguinte, os senhores: Manuel Pereira Alves, Manuel Martins da Fonseca, António José da Cruz de Sousa, José Pereira da Cruz e António da Fonseca Afonso e as meninas Elisa dos Anjos de Sousa, Odete Matias Mendes, Maria Eugénia Fernandes, Arlete Pereira da Silva e Manuel Fernandes.

— ANEDOTA —

O Joãozinho olha, com espanto, o crâneo de seu avô quase totalmente desguarnecido de cabelo. E, a certa altura, diz-lhe:

— Ó avôzinho, deve-lhe dar muito trabalho lavar a cara, não dá?

— Porquê?

— Como é que sabe onde ela acaba?

Cuidado com as Gripes

É preciso evitá-las, ou pelo menos curá-las a tempo.

Há quem use comprimidos de várias marcas, qualidades e feitios. Há quem use *áspro roxo*; há quem gaste e use a pelicórdia ou medronheira.

O melhor preventivo é uma colher de mel, numa chávena, ou caneca, com água bem quente e umas gotinhas de bagaceira todos os dias ao deitar durante o inverno. Até livra das sezões depois de morto.

JÁ SABIA?

A Páscoa é no dia 14 de Abril.

Ascensão é no dia 23 de Maio.

A festa da Senhora das Preces é no dia 7 de Julho.

Os quatro Evangelhos

Um livro que todos os cristãos devem possuir e ler.

Se não pode comprar a Bíblia, ao menos compre os *quatro Evangelhos*.

UMA LUZ NOS CAMINHOS DA NOSSA VIDA

(Continuado da página 1)

filhos. Em tudo Maria tem um só coração, uma só aspiração: Jesus. A lâmpada da minha felicidade oscilou... extinguiu-se.

Toda se me vai em acender-se, em apagar-se. Aproxima-la-ei da lâmpada de Maria. Se Maria é a Virgem fiel, é também a Mãe fiel.

As suas mãos maternais conhecem a arte de tornar a acender a lâmpada apagada dos seus filhos.

Rogarei à Senhora da lâmpada que em guarde entre os fiéis de Deus e sempre preparados de que fala o Evangelho:

Obedeça a um aceno da vontade de Deus; execute até ao cabo com delicada deligência, mesmo no pouco; permaneça no posto assinalado mesmo à custa da vida; esteja de vela, pronto a abrir logo que o Senhor, ao voltar, ponha a mão na porta, porque no coração há uma única aspiração e um amor mais forte do que a morte: Jesus.

AO INFERNO IRÁ PARAR

Toda a gente sabe que é um pecado que brada aos céus «não pagar o jornal a quem trabalha». Era assim que antigamente se dizia e ainda hoje se diz, embora por outras palavras modernas. Mas vai tudo dar ao mesmo.

Ora, alguns assinantes têm recebido o jornal da *Voz do Santuário* há vários anos, e não pagam.

Que uma pessoa se esqueça, é admissível; que de dia para dia, ou de mês para mês, vá adiando o envio do dinheiro, também se compreende. Agora, receber vários anos e depois devolver e não pagar... é para admirar e estranhar.

Assim, por exemplo: um se-

nhor da Calçada da Tapada — Alcântara, era assinante há vários anos. Pagou em Março de 1962. Desde aquela data nunca mais mandou dinheiro. Pediu-se-lhe agora. Devolveu o jornal. Mandou-se-lhe a conta e recusou-se a recebê-la, como vem anotada pelo próprio carteiro. E como estes tem havido mais.

Para um assinante de Alameda tem ido o jornal, já há bastante tempo. Há pouco mandou-se-lhe a conta. O jornal veio devolvido e o aviso da conta também, com a nota de que era falecido.

Para receber o jornal sem pagar era vivo (ou alguém por

ele), para pagar, já era morto. Não acham graça?...

Se esta gente tivesse um pouco de temor de Deus, eu dizia-lhes que era um caso de consciência e de honradês.

Se esta gente tivesse um pouco de dignidade de carácter, eu dizia-lhes que não fica bem a ninguém ser caloteiro.

A *Voz do Santuário* está a passar um período de dificuldades, precisamente por muitos assinantes andarem esquecidos, ou a tirar o *curso de caloteirice*...

Os presados assinantes vejam lá isso, e mandem-nos sem demora o seu rico dinheiro, que nos está a fazer tanta falta. Ninguém queira ir para o rol dos caloteiros, como o da Calçada da Tapada. Querem saber o nome dele?... Para a outra vez se dirá.

Meditando os Passos da Paixão de Jesus

Leitor amigo, deixa por uns momentos as preocupações da vida, as distrações do mundo e vem comigo em religiosa peregrinação ao Santuário da Senhora das Preces. Ali encontramos diante dos olhos os grandes Passos da Paixão de Cristo.

És cristão, tens de viver como Cristo; por isso segue-lhe os passos. Ele vai à frente para ensinar e dar exemplo.

Jesus entra em Jerusalém no meio de triunfo, saudado por toda a gente, aclamado por pequenos e grandes e todos dizem: «bendito o que vem em nome do Senhor».

No meio de palavras e vivas, Jesus chora à vista de Jerusalém. Chora porque os corações de muitos, talvez mesmo daqueles que o aclamavam, estavam endurecidos. Os olhos dos judeus viam o Mestre, mas não como o SEU Mestre; presenciaram os seus milagres, mas não o reconheciam como Deus; para eles não era o Amigo que se deseja e procura, mas sim um adversário perigoso de que era preciso desfazer-se.

Jesus lia-lhes na alma as suas malévolas intenções e por isso os seus olhos encheram-se de lágrimas, lágrimas de amor e de compaixão.

NO CENÁCULO

Leitor amigo, já reparaste que a capela dos Apóstolos representa o Cenáculo, isto é, a sala onde Jesus realizou a última ceia?

Pois foi ali que o Mestre realizou o maior milagre de toda a sua vida, milagre que se repete há perto de 20 séculos: a instituição da Eucaristia. Foi

a primeira Missa que se celebrou no mundo e foi ali, naquele dia de quinta-feira Santa que Jesus se deu aos apóstolos na Sagrada comunhão.

Jesus, por ser Deus, poderia criar novos mundos, poderia realizar novas e grandes maravilhas, mas maior milagre não podia realizar.

Olha para o rosto dos Apóstolos: espantados admirados, interrogando-se uns aos outros, como que a quererem descobrir o mistério das palavras de Jesus: «um de vós me há-de trair». Se um raio ali tivesse caído naquele momento, não teriam ficado mais assombrados.

No entanto era verdade. Um daqueles que sempre o acompanhava, que ouviu a sua voz, que presenciou inúmeros milagres, que todos os dias se sentam à sua mesa, traiu-o, vendeu-o, e ele mesmo o entregou aos seus inimigos.

Leitor amigo, não lhe atires pedras a esse infeliz Judas. Que lhe atire a primeira pedra aquele que estiver inocente. Sim, também nós muitas vezes atraiçoa-mos o Mestre na nossa Missão, na nossa vida, nas nossas acções. Quantas vezes o vendemos não por trinta dinheiros, mas por menos ainda! Quantas vezes o trocamos apenas pela satisfação de um prazer!

Olha amigo, eu creio que o maior pecado de Judas não foi o de trair o Mestre, mas sim o seu desespero.

Creio bem que se teria salvo, se em vez de se ter enforcado na figueira se tivesse lançado ao pescoço de Jesus, contrito e arrependido.

Vês? Pedro também atraiçoaou o Mestre, negando-o por três vezes apesar de estar prevenido e avisado pelo próprio Mestre.

Mas reconheceu o seu erro, chorou amargamente o seu pecado e Jesus perdoou-lhe.

A CAMINHO DO CALVÁRIO

Jesus sai do Cenáculo e vai rezar para o jardim das oliveiras.

Leitor amigo, deixa a capela dos Apóstolos e segue em visita às outras capelas. Vês? logo a seguir é Jesus no horto a rezar e de tal modo reza e se entristece que chega a suar sangue, a ponto de um anjo descer do céu para vir consolar.

Vês? um Deus reza e tu não rezas? um Deus sofre e tu não queres sofrer. Ele sofre para te ensinar a sofrer.

Os discípulos dormem e depois fogem. É natural; todos os seres vivos têm horror ao sofrimento e à morte.

Olha, quantas vezes não terá acontecido a ti coisa semelhante? Os teus amigos só são teus amigos enquanto lhes interessa a tua amizade. Nas horas das aflições, das dores, nos momentos difíceis, fogem.

Jesus lá vai a caminho do calvário. Leva a sua cruz e tão pesada que não tem forças para a levar sozinho. Precisa de um Cerineu.

E tu a revoltares-te contra Deus por te dar também uma cruz. Não desanimes. Todos temos uma cruz; o que é preciso é saber levá-la, não de arrasto, mas de boa vontade, com a certeza de que Jesus é o teu Cirineu.

Vês ali Jesus no alto da cruz, pregado e de braços abertos? É para abraçar todos os homens. Está suspenso entre o céu e a

terra para atrair a si todos os corações.

A cruz foi instrumento de ignominia, hoje é sinal de redenção.

HORÁRIO DOS COMBÓIOS PARA O PARAÍSO

Partidas — A todas as horas.

Chegadas — Quando Deus quer.

PREÇOS DOS BILHETES

1.^a classe — Inocência ou Martírio.

2.^a classe — Penitência e Confiança em Deus.

3.^a classe — Arrependimento e Resignação.

AVISOS

1.^o — Não há bilhetes de ida e volta.

2.^o — Não há passeios turísticos.

3.^o — As crianças não pagam nada porque vão nos joelhos de sua mãe — a Santa Igreja.

4.^o — Pede-se a fineza de não levar outra bagagem além das boas obras, se não quiser perder o combóio ou sofrer um atrazo na penúltima estação.

OBSERVAÇÃO

Este horário é para todas as estações, todos os lugares e todos os homens. Nem os reis poderão organizar combóios especiais para si próprios.

Pelo Santuário

No próximo dia 25 — dia da Anunciação de Nossa Senhora, haverá na igreja da Senhora das Preces, missa às 11 horas.

Nesse dia de manhã realizam-se as confissões de desobriga.

— No mês de Fevereiro realizou-se aqui um retiro para raparigas de várias freguesias especialmente do Piódão.

— A casa do Santuário foi beneficiada com uma ligação à estrada, podendo agora os carros irem até junto da casa, facilitando assim o seu acesso.

Anekdotes

Então aquele tipo chama-te tudo quanto há e tu... ficas-te!!!

— Sabes, é que há só uma coisa que eu não admito que me chamem: é tarde para o almoço!

* * *

Emprestas-me um conto de reis só até segunda-feira?

— De boa vontade te emprestava, mas é que não tenho trocado...

* * *

Certo namorado escrevia à noiva com tanta frequência que ela acabou por casar com o carteiro...

* * *

O cliente: — Esta sua conta é exorbitante. Tem mesmo várias parcelas que eu não entendo.

O advogado: — Estou pronto a explicar-lhas, mas previno-o de que essa explicação lhe custa sete escudos e cinquenta centavos.